



DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JUNHO/2023

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Maio/2023, 3

Importações, 8

Apêndice A – Maio 2023

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Novembro de 2023

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatísticas

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Henrique Rocha Reis (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Guanaís

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

Laura Dantas

Editoração

Autor Visual Design Gráfico

Perivaldo Barreto

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Junho/2023

Marcadas por queda de preços e redução da demanda global, as exportações baianas fecharam o primeiro semestre com variação negativa de 26,8%, US\$ 5 bilhões aproximadamente. O volume embarcado também perdeu força e recuou 11,4%, todos no comparativo interanual. As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento (Seplan), a partir da base de dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

Nas exportações, os preços caíram em média 17,4% no primeiro semestre, reflexo do ambiente global de desaceleração da economia e aperto monetário em vários mercados, já que, no mesmo período do ano passado, vivíamos em tempos de bonança com o aumento do consumo mundial na fase pós-covid e a consequente alta de preços, não só pela reabertura da economia, como também pela guerra no leste europeu que fez subir os preços de diversos produtos, sobretudo petróleo e grãos, principais itens da pauta de exportação do estado.

Em junho de 2023, as exportações baianas registraram US\$ 745,2 milhões, abaixo 47,2% de igual mês do ano passado. O recuo de preços dos produtos de exportação no último mês veio mais forte que o esperado (-21,1%), embora a queda do volume embarcado tenha sido ainda maior: 33%. Em alguns setores, essa queda superou também o declínio nos preços, como foi o caso dos segmentos químico/petroquímico (-28,1%); metais preciosos (-28,7%); metalúrgicos (-51,1%), algodão (-32,2%); café e especiarias (-39,3%) e derivados de petróleo (-96,4%).

Para o segundo semestre, o panorama não é tão favorável. Os embarques agrícolas, principalmente de soja em grãos, se concentram na primeira metade do ano. Além do fator sazonal há o conjuntural: os principais parceiros comerciais dão sinais de redução em suas atividades econômicas e, portanto, indicam menor propensão às compras.

Na comparação com o primeiro semestre de 2022, houve queda nas vendas para todos blocos econômicos e para os três maiores destinos das exportações estaduais: China (-22,8%), Singapura (-40,1%) e EUA

(-19,1%). Aumento dentre os maiores destinos, somente nas vendas para o Canadá (31,8%, ouro, minério de níquel, pneus); Alemanha (13,3%, farelo de soja, magnésita, fumo e pneus) e Japão (290%, ferro silício, soja, milho e celulose).

Por sua vez, as importações baianas no mesmo semestre caíram menos que as exportações, alcançando US\$ 4,74 bilhões, com recuo de 18,6% no comparativo interanual. Os preços médios recuaram 15% (menos que os das exportações), enquanto que o volume desembarcado teve redução de 4,3%.

A redução das importações baianas em 2023 é influenciada por uma queda nos volumes adquiridos no exterior, somada a uma redução ainda maior nos preços dessas mercadorias. Bens intermediários lideram a queda com variação negativa de 27% (semicondutores, equipamentos de telecomunicações, autopeças e produtos químicos são itens que estavam inflacionados por problemas em suas cadeias produtivas, mas que agora estão sendo ajustados).

Combustíveis e fertilizantes, os dois principais itens importados pela Bahia, tiveram seus preços reduzidos no semestre em 17,2% e 20,7% respectivamente. Em volume, a queda nas compras foi verificada nas principais categorias de insumos adquiridos pela indústria de transformação. A exceção foi o aumento em volume nas compras de bens de capital (34%), principalmente máquinas e aparelhos mecânicos.

No total, a redução nas importações é sinal de baixo dinamismo na economia, constatado pela diminuição da corrente de comércio do estado em 23% no período, reflexo principalmente da ainda baixa produtividade na indústria de transformação.

Tabela 1
Balança comercial – Bahia – Jan./Jun. – 2022/2023
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	6.831.721	4.999.356	-26,82
Importações	5.824.047	4.739.730	-18,62
Saldo	1.007.674	259.626	-74,24
Corrente de comércio	12.655.768	9.739.086	-23,05

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Depois de uma alta de 14% nos preços das *commodities* agrícolas em 2022, o Banco Mundial prevê uma queda de 4,5% em 2023. A baixa reflete o desaquecimento da economia mundial e uma maior oferta de produtos, inclusive no Brasil, que aumentou em 15% sua produção de grãos. Mesmo com essa queda, os preços seguem elevados se comparados à média dos últimos anos.

A tendência para os próximos meses é de a exportação manter queda de preços relevantes, mas com quantum ainda relativamente estável, mesmo com o fim do período sazonal de embarques da soja, que acontece no decorrer do segundo semestre. Na Bahia, esse comportamento também se deve à oscilação da *indústria de transformação* que, depois de ter recuperado níveis de exportação em 2022, mostrou desempenho mais oscilante no segundo trimestre de 2023. No primeiro semestre, a exportação do setor recuou 33% ante igual período 2022.

O quadro resulta do enfraquecimento de desempenho dos produtos da *indústria de transformação* que são mais contaminados por ciclos de *commodities*. Eles funcionaram como colchão no contexto de recomposição de base, mas foram perdendo seu efeito amortecedor, como reflexo da queda de preços num ambiente global de desaceleração da economia e aperto monetário em vários mercados. A agenda prioritária para dar maior competitividade à exportação da indústria de transformação passa pelo encaminhamento do acordo Mercosul-União Europeia e também pela aprovação da reforma tributária sobre consumo, em tramitação no Congresso.

No contexto externo, a disputa comercial entre a China e os EUA está gerando repercussões no mundo todo e dispara uma disputa comercial acirrada. Os dois países são o primeiro e o segundo parceiro comercial da Bahia, respectivamente. No primeiro semestre de 2023, a corrente de comércio entre a Bahia e os EUA diminuiu 49,3% em relação ao ano passado, totalizando US\$ 1,43 bilhão. A pressão veio principalmente da queda de 57% das importações baianas, enquanto as exportações diminuíram 19%.

Chamam a atenção as vendas de bens industriais baianos, que representaram 65% da pauta de embarques para os EUA. Sete dos dez produtos mais vendidos são derivados da *indústria de transformação*. A relação inclui produtos químicos, papel, derivados de petróleo

e pneus. Já as exportações para a China se concentram em *commodities* agrícolas e minerais, que constituem os alicerces da balança comercial baiana.

Aparentemente imune às previsões de encolhimento do comércio global em 2023, o Brasil pode atingir novo superávit em sua balança comercial. O registrado no primeiro semestre está em US\$ 45,5 bilhões, número histórico para o período na série iniciada em 1989, apesar da queda de preços de alguns importantes produtos de exportação, que está sendo compensada pelo maior volume exportado.

A mais recente pesquisa Focus menciona superávit de US\$ 65 bilhões no ano. Alguns bancos e consultorias, porém, já trabalham com um número ao redor de US\$ 75 bilhões. A Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), que esperava superávit de US\$ 71 bilhões, já disse que vai revisar o número para cima. Mais otimista, a Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic) elevou a projeção de superávit comercial em 2023, de US\$ 84,1 bilhões para US\$ 84,7 bilhões.

A preocupação maior que ameaça esse cenário otimista vem do desempenho da economia chinesa. Este era para ser o ano em que a economia da China, liberada da rígida política de ‘*covid-zero*’, voltaria com tudo para ajudar a impulsionar o crescimento mundial. Em vez disso, o país enfrenta uma confluência de problemas: fraqueza nos gastos do consumidor, mercado imobiliário em crise, exportações em queda, desemprego recorde entre os jovens e governos locais atolados em dívida. As dificuldades da China começam a repercutir em todo o mundo, com impactos em todas as áreas, desde os preços das *commodities* até os mercados de ações.

Pequim não esgotou todo o seu arsenal para reverter ou amenizar a crise, mas a saída não parece fácil e pode ter repercussões globais, inclusive no Brasil. Com outras economias importantes derrapando em consequência do aperto monetário para conter a inflação, esperava-se que a China continuasse sendo a locomotiva.

O mais recente sinal de perigo foi o crescimento de 0,8% do PIB chinês do primeiro para o segundo trimestre de 2023, menos que a metade dos 2,2% registrados de janeiro a março do mesmo ano. A freada colocou em risco a previsão do governo chinês de que o país fecharia o ano com expansão de 5% e desencadeou um movimento de redução das estimativas.

A retração do comércio exterior também preocupa, visto que, em junho, pelo segundo mês consecutivo, as exportações chinesas encolheram. Dessa vez, o recuo foi de 12,4% em Dólar, na comparação com o ano anterior. Esse foi o segundo mês seguido de queda, a maior desde a chegada da pandemia no início de 2020. As importações caíram 6,8%. A demanda global foi um forte propulsor do crescimento da China nos últimos três anos. Mas, à medida que muitos bancos centrais ainda precisam elevar os juros para reduzir a inflação, esse fator perde força.

Em junho de 2023, os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram pequena melhora em relação a maio: eles subiram 9,7% ante o mês imediatamente anterior, permanecendo em retração de 22,3% quando comparados ao mesmo mês do ano anterior.

A perspectiva é de cenário desafiador para 2023, com acomodação de preços dos principais produtos da pauta baiana de exportação e comércio global em desaceleração. A queda de preços no comparativo do acumulado até junho chega a 17,4%.

A valorização de quase 9% do Real ante o Dólar desde o início de 2023 não deverá ter impacto significativo nos resultados da balança comercial deste ano, mas apenas em 2024, segundo especialistas em comércio exterior. A valorização cambial afetará a rentabilidade do exportador e do importador em 2023, mas a dinâmica

do comércio é influenciada também por fatores como a demanda dos produtos e as oportunidades de mercado.

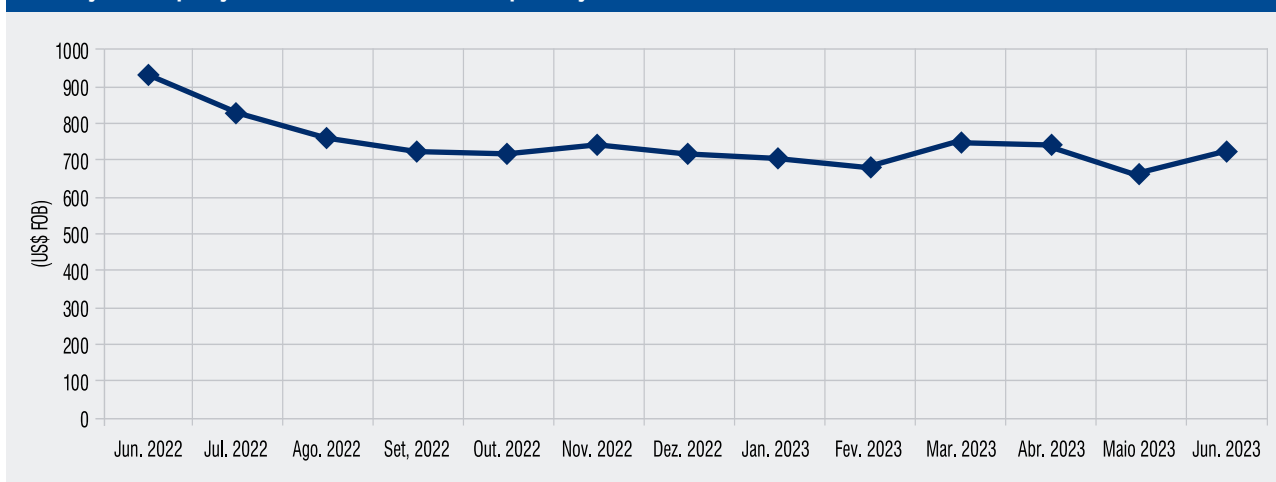
O boletim Focus do Banco Central, em sua edição de 23 de junho, sinalizava câmbio com o Dólar a R\$ 5 no fim do ano, mas a cotação de mercado na mesma data estava em R\$ 4,78. Para muitos analistas, a percepção é de uma trajetória de queda na cotação da moeda americana e uma mudança estrutural de patamar cambial.

A valorização do Real vai gerar mais poder de compra, mais consumo e mais importação, provavelmente, em 2024. O Real ainda tem margem para se valorizar nos próximos meses. O mercado trabalha com uma taxa de equilíbrio no câmbio com o Dólar cotado entre R\$ 4,40 e R\$ 4,50. A taxa de equilíbrio é o patamar de cotação de uma moeda nacional sem gerar pressão nas transações correntes.

Do ponto de vista dos exportadores, a valorização do Real pressupõe uma rentabilidade menor na venda de suas mercadorias, em Dólar, no exterior e menos estímulo para exportar. A questão é que, em muitos casos, não existe a possibilidade de direcionar os produtos para o mercado interno.

O agricultor não pode deixar a safra de soja ou de milho no Brasil, onde não há demanda para tanta oferta e nem mesmo uma infraestrutura de silos capaz de armazenar os grãos para uma possível venda valorizada no futuro.

Gráfico 1
Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2022-2023



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/2023
Elaboração: SEI.

Tabela 2
Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./Jun. – 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e derivados	1.461.427	1.276.035	-12,69	25,52	-5,34
Petróleo e derivados	2.082.225	1.091.558	-47,58	21,83	-29,96
Papel e celulose	549.241	604.649	10,09	12,09	7,50
Químicos e petroquímicos	819.176	558.963	-31,77	11,18	-21,71
Metais preciosos	247.606	302.990	22,37	6,06	-28,00
Metalúrgicos	289.735	206.951	-28,57	4,14	-20,06
Minerais	399.237	208.062	-47,89	4,16	-16,52
Borracha e suas obras	88.132	102.693	16,52	2,05	17,54
Algodão e seus subprodutos	264.970	100.989	4,20	4,20	-17,19
Cacau e derivados	105.232	99.587	-5,36	1,99	-2,44
Milho em grão	21.541	89.207	314,13	1,78	-19,21
Café e especiarias	138.915	87.642	-36,91	1,75	-9,78
Frutas e suas preparações	66.293	79.118	19,35	1,58	7,83
Sisal e derivados	45.567	48.091	5,54	0,96	-19,02
Calçados e suas partes	50.793	46.096	-9,25	0,92	16,25
Couros e peles	39.986	17.126	-57,17	0,34	-35,96
Carne e miudezas de aves	15.680	15.427	-1,62	0,31	4,19
Fumo e derivados	14.446	15.248	5,55	0,30	7,69
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	82.544	9.371	-88,65	0,19	31,40
Demais segmentos	1.510.405	1.315.588	-12,90	26,32	18,14
Total	6.831.721	4.999.356	-26,82	100,00	-17,41

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
 Elaboração: SEI.

Obs.: (*) valores referentes a soma de empresas com endereço fiscal no estado da Bahia.

A rentabilidade do agricultor e da indústria mineral não deve ser afetada em 2023 diante da prática majoritária de contratos de médio e longo prazos, em que o câmbio é fechado geralmente a cada trimestre. A valorização da moeda, nesse caso, influencia decisões de investimentos e produção para o próximo ano.

Nas transações com *commodities*, o impacto do câmbio é imediato apenas nos contratos *spots*, quando os acordos são à vista, com a liquidação financeira fechada na entrega da mercadoria.

As *commodities* da Bahia possuem facilidade de acesso ao mercado internacional, diante do reduzido número

de competidores com as mesmas vantagens produtivas da agropecuária baiana, que soma tecnologia e boas condições de clima e solo, e também da mineração, que tem acesso a minérios com alto teor de pureza. O efeito da valorização do Real deverá ser mais sentido nas exportações de produtos industriais, que terão ainda menos rentabilidade e menor competitividade.

O segmento *Soja e seus derivados* retomou a liderança da pauta, tanto pela queda nos embarques e preços dos derivados de petróleo, como também a partir do escoamento da safra de grãos que ocorre tradicionalmente em maior volume no segundo trimestre. Foi vendido US\$ 1,3 bilhão do segmento no semestre, o

que representa praticamente 26% das exportações baianas no período. Representativa também foi a volta das exportações de milho com embarques de 308,6 mil toneladas (t) e receita de US\$ 89,2 milhões no semestre, alta de 314,1% no comparativo interanual.

A crescente atratividade do milho resulta de um conjunto de fatores. A produtividade subiu graças ao melhoramento genético e aos investimentos em fertilidade, perfil de solo e irrigação – a área agrícola irrigada no Brasil cresceu mais 22%, de 2017 a 2019, chegando a 8,2 milhões de hectares (ha), com potencial efetivo de expansão para 13,7 milhões de ha em alguns anos, segundo dados da Agência Nacional de Águas (ANA).

Por fim, ocorreu um robusto crescimento na demanda: o *trade* global de milho dobrou em dez safras e, em 2023, deve ultrapassar a marca de 200 milhões de t pela primeira vez na história, superando o trigo na posição de produto agrícola mais negociado no mundo. Nesse período, a produção global aumentou a uma taxa menor, cerca de 40%.

O segmento *Derivados de petróleo* vem a seguir na pauta, com vendas de US\$ 1,1 bilhão e queda de 47,6% no comparativo interanual, motivada, em grande parte, por queda de preços, que chegou, em média, a 30% no semestre.

Do lado da oferta, em menos de um ano, a Opep+ tirou do mercado cerca de 3,5 milhões de barris, em torno de 3% da oferta mundial. Mesmo assim, não foi suficiente para uma alta consistente de preços. Mas parece que os países produtores vão fazer de tudo para que se mantenha o preço do Brent minimamente atrativo para as suas economias, em uma tendência de oscilação do barril entre US\$ 70 e US\$ 80 até o fim do ano. Não se vê um desarranjo tão grande de oferta e demanda no curto prazo.

A economia americana será um dos principais pontos a serem monitorados por especialistas em petróleo no segundo semestre de 2023. Após os primeiros seis meses de pouca volatilidade nos preços da *commodity*, a possibilidade de alta dos juros nos EUA e a fraqueza da recuperação econômica chinesa não apontam para uma demanda mais forte na segunda metade do ano.

O petróleo tipo Brent acumulou queda de 12% no ano até 30 de junho, fechando a US\$ 70,78 o barril, enquanto o WTI recuou 11,96%, aos US\$ 75,41. No mês de junho, o Brent subiu 3,72%, enquanto o WTI avançou 3,87%.

O segmento *Papel e celulose* fechou vendas no semestre em US\$ 604,6 milhões, 10,1% superior no comparativo interanual e preços 7,5% acima quando comparados ao igual período de 2022. A melhora na demanda e os estoques mais baixos devem beneficiar os preços do produto, permanecendo, porém, dentro das expectativas. Apesar da queda mais acentuada do que o esperado no início do ano, os preços da fibra começaram a se estabilizar e ainda apresentam variação positiva sobre 2022.

Entretanto, preços mais baixos da celulose no segundo trimestre e continuidade da pressão de custos, embora dessa vez mais atrelada a paradas para manutenção, devem ter levado os produtores a registrarem resultado operacional fraco. Já houve alguma reação por parte dos fabricantes, liderados pela Suzano, com o primeiro anúncio de aumento de preços para a Ásia em quase um ano na reta final do segundo trimestre. Válido para junho, o reajuste foi de US\$ 30 por tonelada e foi integralmente aplicado, levando os preços para cerca de US\$ 480 por tonelada, ainda perto do piso histórico.

Acompanhando a redução dos preços do petróleo, a maioria dos produtos químicos/petroquímicos também registrou baixa no semestre, acumulando na média geral redução de 21,7%. As exportações caíram 31,8%, a US\$ 559 milhões. O quantum embarcado também teve queda de 12,8%. As exportações do setor enfrentam o contexto do agravamento das dificuldades econômicas e cambiais da Argentina, que é, individualmente, o principal mercado de produtos baianos.

O segmento também enfrenta dificuldades com a importação de produtos, principalmente, de países asiáticos com competitividade sustentada em matérias-primas russas adquiridas com preços favorecidos em razão da guerra no leste europeu. Isso deslocou o produto nacional no próprio mercado local, comprometendo as exportações para os mercados de destino de produtos nacionais. Tal situação agravou o nível de ociosidade nesses grupos de produtos estratégicos em diversas fábricas em todo o país.

As exportações baianas para China, principal destino dos produtos do estado, caíram 22,8% no semestre, sempre calculadas em relação ao mesmo período do ano anterior. Já as vendas para a América do Norte tiveram a menor redução entre os blocos: (-2,8%). Isso se deveu ao aumento das vendas para o Canadá em 32%, principalmente de ouro, minério de níquel e pneus.

IMPORTAÇÃO

As importações baianas que tiveram queda menos acentuada que as exportações no semestre (-18,6%, contra -26,8% das vendas externas) também tiveram redução de volume, em 4,3%, e de preços, em 15%, no acumulado do ano até junho, na comparação com igual período do ano passado.

Bens intermediários lideram a queda com variação negativa de 27% (semicondutores, equipamentos de telecomunicações, autopeças e produtos químicos são itens que estavam inflacionados por problemas em suas cadeias produtivas, mas que agora estão sendo ajustados). Como previsto, esses preços capitanearam a redução das cotações de bens intermediários (-13%), ocorrida no semestre. O setor representou a maior parte das nossas compras (71,4%).

Combustíveis e fertilizantes, os dois principais itens importados pela Bahia, tiveram seus preços reduzidos no semestre em 17,2% e 20,7%, respectivamente. Em volume, a queda nas compras foi verificada nas principais categorias de insumos adquiridos pela *Indústria de Transformação*. A exceção foi o aumento em volume nas compras de bens de capital em 34%, principalmente em *Máquinas e aparelhos mecânicos*.

Como já enfatizado, no total, a redução nas importações é sinal de baixo dinamismo na economia, traduzido na redução da corrente de comércio do estado em 23% no período, reflexo principalmente da ainda baixa produtividade na *Indústria de Transformação*.

As compras dos dois principais parceiros comerciais do estado despencaram no semestre. A queda das importações dos EUA foi de 57%, enquanto a da China, chegou a 35,3%.

Afora a variável preço (que recuou em, ao menos, cinco dos dez itens mais importados pela Bahia dos dois países), os menores volumes adquiridos de combustíveis, principalmente GNL, químicos, motores/geradores e aparelhos eletrônicos explicam preponderantemente o resultado da redução das compras nos dois maiores fornecedores do estado no primeiro semestre.

Tabela 3
Importações baianas por categorias de uso – Jan./Jun. – 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	4.012.359	2.928.267	-27,02	71,35
Combustíveis e Lubrificantes	1.482.141	1.493.939	0,80	36,40
Bens de Capital (BK)	232.065	242.739	4,60	5,91
Bens de Consumo (BC)	97.478	74.127	-23,95	1,81
Bens não especificados anteriormente	4	656	-	0,02
Total	5.824.047	4.739.730	-18,62	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/07/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

